

Como “avançar-parado”

A política econômica do governo Figueiredo atinge seu terceiro ano na expectativa de reduzir a dependência externa e fazer retornar a inflação a taxas toleráveis pela sociedade, mas para não fugir à tradição, sua característica tem sido a do “avançar/parado”: em 1979, pretendia-se uma estabilização, controlando-se a inflação e o crescimento do produto, mas a saída de Mário Simões e a entrada em cena de Delfim Netto provocou uma reativação do crescimento industrial, com o produto, em 1980, alcançando 8%, às custas de um substancial aumento do endividamento externo e de uma inflação de 110,2%; em 1981, uma guinada de 360 graus em busca da estabilização levou o setor industrial à recessão, reduzindo-se a demanda de bens, mas aumentando-se a poupança, melhorando-se as contas externas e obtendo-se um certo ganho na taxa inflacionária, que recuou para 95,2%.

Alguns indicadores para o setor externo mostraram que, durante os três anos de administração Figueiredo, houve um aumento substancial da dependência de recursos provenientes do exterior, correspondendo a uma queda na participação da poupança interna no processo de desenvolvimento. O “déficit” comercial somou US\$ 2,7 bilhões em 1979, US\$ 2,8 bilhões em 1980, recuperando-se o ano passado, com um “superávit” de US\$ 1,2 bilhão, mas o “déficit” em conta corrente, que inclui a balança comercial e a de serviços, evoluiu de US\$ 10,5 bilhões em 1979 para US\$ 12,9 bilhões em 1980 e US\$ 10,6 bilhões em 1981, enquanto a dívida externa bruta passava de US\$ 49,9 bilhões em 1979 para US\$ 53,8 bilhões em 1980 e US\$ 61,4 bilhões em

1981. Para este ano, a previsão oficial é de um endividamento de US\$ 70,1 bilhões.

Entre 1979 e 1981 as exportações cresceram 22,9%, considerado um bom desempenho, tendo em vista a recessão mundial que estimulou o protecionismo e a guerra comercial, enquanto as importações, no mesmo período, evoluíram apenas 17,7%, dos quais 36,6% correspondeu ao crescimento das importações de petróleo. O Produto Interno Bruto, que cresceu 6,5% em 1979 (US\$ 215,6 bilhões) e 8% em 1980 (US\$ 255,0 bilhões), deverá permanecer estável em 1981 ou até apresentar-se com um crescimento negativo.

Em 1979, o emprego cresceu 2,4% e, em 1980, em função da reaceleração da economia, 3,5%. Mas em 81, a crise na indústria de transformação, a maior do pós-guerra, conduziu o índice de emprego a um crescimento negativo, chegando-se ao final do ano com pelo menos um milhão de desempregados, nas estatísticas das entidades de patrões e de empregados. A produção industrial, que cresceu 6,9% em 1979 e 7,9% em 80, encerrou 81 com um crescimento negativo estimado em 8,5%.

A despeito da generosa política de subsídios, o grande êxito da política econômica do governo Figueiredo pode ser creditado à agricultura, cuja ênfase começou com a indicação de Delfim Netto para o respectivo Ministério. O País aguarda a sua terceira grande safra consecutiva acima de 50 milhões de toneladas de grãos, enquanto se acelera a implantação de projetos de irrigação na área dos cerrados, e de aproveitamento das várzeas, com produção global estimada em 10 milhões de toneladas de grãos, inclusive trigo.